

IDENTIDADE E ALDEIA GLOBAL

Zuleica Aparecida CABRAL
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG
zucabral@yahoo.com.br

Resumo: Percebe-se que na era da tecnologia e da informação as pessoas exercem múltiplos papéis os quais implicam em novas formas de interação. Nesse sentido, discute-se acerca da aldeia global, compreendida como globalização que corresponde a uma nova visão do mundo possível através do desenvolvimento das modernas tecnologias de informação e de comunicação, abolindo as separações geográficas e distribuindo informações em escala mundial. Sob esse prisma, objetiva-se fazer reflexões acerca de identidade e Aldeia Global, pois as configurações identitárias se tornam desvinculadas, de tempos, lugares e flutuam nesse turbilhão de informações. Essas considerações servem como premissas para uma pesquisa maior em andamento, a qual busca compreender algumas configurações identitárias na linguagem cibernética. As práticas de linguagem socialmente construídas servem de aporte objetivando discutir sobre a identidade e a falta de pertencimento em que se encontra o mundo pós-moderno e ao mesmo tempo retomar configurações identitárias diante da aldeia global. A metodologia consiste em aportes teóricos e epistemológicos baseados em Bauman (2001, 2005) e Hall (2006) para discutir identidade; Giddens (2002) e Castells (1999) para tratar de globalização. Os resultados, até o momento, apontam que; a) o sujeito atual não tem uma identidade fixa, essencial e permanente e b) a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social e afeta aspectos mais pessoais de nossa existência. Conclui-se, conforme sustenta Giddens (2002) que as condições sociais da modernidade impõem a todos um processo de encontrar a si mesmo.

Palavras-chave: Identidade, aldeia Global, globalização

1.Introdução

Sabe-se hoje que as identidades não são tão rígidas como se acreditava que fosse a tempos passados, e também não são imutáveis. São resultados transitórios e se podem dizer fugazes de processos nos quais o sujeito está imerso nas suas práticas sociais. Mesmo as identidades tidas como as mais sólidas, como por exemplo, ser homem, mulher, saber o que é fronteira, Estado ou Nação, nas múltiplas discussões atuais acerca de modernidade ou pós-modernidade perdeu sua solidez. Nelas se escondem as negociações de sentido, os choques das transformações ante as configurações hermenêuticas, que com o passar do tempo demarcam uma corporalidade e um “porto seguro”. Sendo assim, as identidades estão em um constante processo, em um curso contínuo e mutável de acordo com as necessidades que perpassam as mais variadas práticas sociais.

É sobre a aldeia global que a primeira sessão desse trabalho busca uma reflexão, pautado em Giddens (2002) e Castells (1999) pra então adentrar questões identitárias na sessão seguinte baseado em Bauman (2001, 2005) e Hall (2006). Vale destacar que esse é um

trabalho que consiste em aportes teóricos e epistemológicos que servirão de fundamentação para uma pesquisa maior em andamento.

Percebe-se que nesse turbilhão de transformações que hoje se vive, a sociedade pós-moderna, compactuando aqui com Bauman (1998) de que vivemos num mundo pós-moderno e globalizado, é caracterizada pela ansiedade da falta de “respostas”, por não viver mais com referências hegemônicas, e assim coloca-se sempre na posição do outro, numa situação de carência e por isso de subordinação de acordo com Souza Santos (1993). Desse modo, as discussões sobre identidade não apontam para um fim, mas cada vez mais para várias perspectivas de como as identidades irão se desenhar, mutar, retornar, na tentativa de encontrar respostas para a ansiedade no mundo atual.

Giddens (2002) afirma que a modernidade é uma cultura de risco e que ela altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta aspectos mais íntimos da própria existência. Por um lado, têm-se as múltiplas influências do mundo globalizado e por outro nos deparamos com as disposições pessoais do sujeito/usuário dessa aldeia. Afinal, quando tratamos de sujeito, não podemos entendê-lo como um ser passivo, mas em meio às influências sociais que são globais em suas consequências e implicações.

[...] a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganizações do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que deslocam as relações sociais de uns lugares específicos, recombina-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. A reorganização do tempo e do espaço somada aos mecanismos de desencaixe radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza social cotidiana. (GIDDENS 2002, p. 10)

Essas transformações na vida social cotidiana mexem com dois polos da interação, o local e o global, e que Giddens (2002) chama de transformação da intimidade. A aldeia global exerce inúmeras influências na esfera das relações sociais, e elas são escolhas que o sujeito assume dado a situação em que se encontra. O mundo globalizado, e conseqüentemente desterritorializado, coloca o sujeito frente a frente a situações que podem excluí-lo ou incluí-lo definitivamente nessa aldeia.

2.A aldeia global

A globalização, termo tão amplamente inserido nas discussões atuais, implica conseqüências ante ao tempo e ao espaço, mostrando como se vive dominado pelas influências geopolíticas e, por conseguinte, servindo de elemento opressor na organização

espacial. Bauman (1998) argumenta que a globalização acaba com a aprendizagem e promove um distanciamento maior entre as classes.

Em tempos de informação globalizada, as preocupações que movem a sociedade tendem também a se tornar causas mundiais. A Internet proporciona aos atores sociais que sua voz seja ouvida em uma espécie de esfera pública global, em que as fronteiras territoriais tornam-se menos importantes, ao passo em que as causas a que se procura defender não são mais aquelas relacionadas ao bairro ou à cidade, mas dizem respeito à comunidade mundial como um todo. Nesse sentido, traça-se aqui uma visão geral das consequências da globalização em relação ao tempo e espaço, que irão corroborar com as (re)configurações identitárias a serem discutidas no próximo tópico .

Em relação à mobilidade, percebe-se que ela tornou-se fator de estratificação, extremamente poderoso e cobiçado que constrói e reconstrói a nova hierarquia globalizada. Cria-se assim, um tipo de proprietário ausente, preocupado em extrair os tributos, lucros, deixando os subordinados à mercê da sorte. As propriedades antigas e absolutas de espaço foram revogadas. O mundo era limitado pelo espaço e pelo tempo, sendo esses absolutos. Essa restrição espaço-temporal era limitada pelo alcance das ideias e pela velocidade com que as coisas mudavam, bem como os costumes, propiciando a estabilidade das sociedades.

Hoje, a velocidade de informações, a criação de novas tecnologias afastaram quase tudo para além do olho ou do braço humano, mudaram o espaço para algo artificial, sem interação. A internet eliminou as distâncias promovendo comunicação instantânea, mostrando que no ciberespaço o que menos importa são os corpos, embora haja leis desse ciberespaço que atuem nos corpos. Isso quer dizer que os poderosos não precisam mais ser fortes, basta que estejam isolados, garantidos pela segurança, inacessíveis aos locais.

Conforme Bauman (1998, p.58), “os espaços públicos estão desaparecendo e com ele, o homem público, sendo o uso das desordens”. De modo geral, em um lugar sem incertezas, não pode brotar a responsabilidade. Nesses locais o sentimento de grupo é procurado na ilusão da desigualdade, gerando assim essa sensação constante de ansiedade, da busca pela segurança. Essa parece ser a ausência da diferença, uma uniformidade que gera certo desequilíbrio. Para tanto, basta perceber que as cidades hoje não têm mais muros separando os estrangeiros, seus muros são internos e separam pessoas, cidadãos, ligados ou não por uma relação mais estreita.

Por essa razão, acredita-se que as chamadas crises de identidade, num mundo globalizado, estão imbricadas à sociedade capitalista, imediatista que se constrói e reconstrói intermitentemente, frente à velocidade de informações que o capitalismo promulga. De acordo

com Bauman (1998, p. 85) “O espaço deixou de ser obstáculo, não há mais fronteiras naturais nem lugares óbvios a ocupar”. O movimento rápido é a essência da globalização.

Em vista disso, verifica-se que é na produção do efêmero e daquilo que é precário faz-se a busca pela atenção pública, procurando acordar o desejo dos possíveis consumidores e afastar seus competidores, colocando-se assim numa situação de instabilidade. Vive-se tempos, onde consumir é palavra de lei. Isso não significa que antes ele não existia, mas agora há uma necessidade de consumir para satisfazer uma ânsia insaciável, “precisa engajar seus membros pela condição de consumidores” (BAUMAM, 1998, p. 88). Estes são seduzidos com atrativos que prometam a satisfação, devido as variadas opções, passando a ideia, de acordo com Bauman (1998) que estão de posse do direito de escolha, muito embora a opção proibida é não escolher. Woodward (2009) coaduna com os argumentos de Bauman (1998) assinalando que:

A globalização envolve a interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças de padrões de produções consumo, as quais por sua vez, produzem identidades novas e globalizantes. Essas novas identidades, caricaturalmente simbolizadas, às vezes, pelos jovens que comem hambúrgueres do McDonald's e que andam pela rua *de i-podes*, formam um grupo de “consumidores globais” que podem ser encontrados em qualquer parte do mundo e que mal se distinguem entre si. O desenvolvimento global do capitalismo não é, obviamente, novo, mas que caracteriza sua fase mais recente é a convergência de culturas e estilos de vida as sociedades que, ao redor do mundo, são expostas ao seu impacto (Robins, 1991) (WOODWARD, 2009, p.20, grifos da autora)

Para os globais o espaço não existe, eles podem vencê-lo em um instante, mas para os locais, os que estão presos, de acordo om (BAUMAN, 1998 p. 96) “o espaço real está se fechando rapidamente”. O mundo dos globalizados é extraterritorial e cosmopolita, mas para os locais a lei e os muros são cada vez mais difíceis de transpor. Como aponta Bauman (1998), os globais são os turistas, aqueles que estão em casa ou em qualquer parte do mundo, tendo o direito da escolha, os outros são os vagabundos que não têm escolha, e para eles, “essa angustiante situação é tudo menos liberdade” (BAUMAN, 1998, p.110).

3. Configurações identitárias

Na pluralidade do sujeito, nos ambientes sociais, e também nos ambientes virtuais em contato presente ou não com os outros que a construção e configuração identitária do sujeito acontece. Do mesmo modo, essa relação com os outros não pode ser vista como algo modesto. As práticas sociais nas quais o sujeito está imerso são múltiplas e, por conseguinte,

ele constantemente constrói, desconstrói e reconstrói suas características identitárias em uma espécie de modelagem e remodelagem para adaptação aos diversos meios e práticas sociais.

As práticas sociais acontecem nas sociedades, as quais, de acordo com Hall (2006, p.14) por definição são “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. A questão da identidade em meio à globalização não é algo estático, imutável. Os sujeitos, em meio a tantos discursos, podem ser abordados sobre o descentramento do sujeito no qual ele não é mais visto como unificado, completo e coerente, e sim clivado, com várias identidades muitas vezes contraditórias e não resolvidas. Nessa abordagem de sujeito pós-moderno:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2006, p.13)

De acordo com Aun (2001), passou-se a vivenciar o surgimento de uma nova ordem mundial, regida principalmente pelo liberalismo econômico e pelo avanço tecnológico. Essa nova concepção de capitalismo tem suas bases de sustentação nas novas tecnologias de informação e no processo de globalização econômica. A nova era da informação provoca o surgimento de novas relações econômicas, sociais, políticas, educacionais e culturais, tendo como característica principal a difusão em escala planetária, o tempo real, o anonimato e a descentralização.

Segundo Giddens (2002) a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social e afeta os aspectos mais pessoais da nossa existência,

Uma das características distintivas da modernidade, de fato é, a crescente interconexão entre dois extremos da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro.[...] O eu não é um entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto identidades, independente de quão locais sejam os contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em consequências e implicações. (GIDDENS, 2002, p. 9)

Nesse contexto é que se percebe que a vida social moderna é caracterizada por processos de reorganização de tempo e espaços associados à expansão de mecanismos de desencaixe os quais deslocam as relações sociais de seus lugares, e combina-os de outras maneiras por meio de grandes distâncias no tempo e no espaço. Convém evidenciar que a modernidade líquida proposta por Bauman (2001) projeta esse mundo em que tudo é ilusório,

lugar onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela vida em sociedade, exigem uma reflexão contínua sobre a realidade e a maneira como os indivíduos estão inseridos nela.

Política da identidade, portanto fala a linguagem dos que foram marginalizados pela globalização. Mas muitos dos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deveria ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história. (BAUMANN, 2005, p. 13)

Nesse sentido, é preciso refletir sobre a identidade e a questão da falta de pertencimento em que se encontram as pessoas no mundo pós-moderno e ao mesmo tempo retomar as configurações identitárias diante da Aldeia Global. Para discutir acerca da Aldeia global é imprescindível explicitar o termo globalização que é pautado em Giddens (2002):

O conceito de globalização é melhor compreendido como expressando aspectos fundamentais do distanciamento entre o tempo e o espaço. A globalização diz respeito à interseção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais “à distância” com contextos locais. (GIDDENS, 2002, p. 27)

A globalização, do ponto de vista do referido autor significa que ninguém pode eximir-se das transformações provocadas pela modernidade. Nesse ínterim, pensar na construção da identidade pela interação, muito embora haja conflitos mascarados pelas fragmentações do mundo moderno, é fundamental para se pensar na sociedade, sua construção e reconstrução. De acordo com (HALL, 2006, p.7) “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, novas identidades estão surgindo, deixando o indivíduo moderno fragmentado”. Tal desestabilização pode ter ligação com a grande quantidade de informação que o mundo globalizado tem disponibilizado.

Esse mundo estimula a repetição e o consumo, uma máquina que sustenta as ações preponderantes que alimentam um sistema dominante, por muitas vezes excluindo os diferentes. Bauman (2005, p. 46) assinala que “você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas”. Porém, esse mundo globalizado parece facilitar a vida das pessoas pelos avanços da tecnologia e das pesquisas, bem como acesso à informação que anteriormente poucos detinham, ou ao menos não se tornavam conhecidas devido à lentidão das informações, e hoje já não é somente de uma classe minoritária.

O que se discute em relação à globalização, à aldeia global, as tecnologias de informação é que as identidades modernas estão descentradas, deslocadas e fragmentadas. “O indivíduo está perdido, não tem certeza de um pertencimento, pela velocidade do mundo em decorrência de competitividade, capitalismo, crise de valores e éticos. O próprio conceito de

identidade”, conforme Hall (2006, p.8), é demasiadamente complexo, pouco desenvolvido e compreendido nas ciências sociais contemporâneas.

Nesse sentido, as múltiplas influências devem ser muito bem analisadas para saber até que ponto uma escolha será ou não “adequada”.

Não há identidade estável na informática porque os computadores, longe de serem os exemplares materiais de uma imutável ideia platônica, são redes de interfaces abertas às novas conexões, imprevisíveis que podem transformar radicalmente seu significado e seu uso. (LÉVY 1999, p. 102)

As mensagens se alteram e seus significados também na passagem de um sujeito a outro no processo de comunicação. As mudanças estão ocorrendo em toda parte, mas também no interior, na forma de representar o mundo e a cibernética precisa ser vista sob o ponto de vista de um terreno político, como lugar de conflitos, de interpretações divergentes. Com tanta instabilidade circundando a informação e as relações interpessoais, o sujeito que antigamente tinha uma identidade unificada e estável, hoje está se tornando fragmentado, composto não de uma única identidade, mas de várias que às vezes se apresentam até como contraditórias ou não resolvidas.

Hoje, no século XXI, a mudança das sociedades modernas está fragmentando as paisagens culturais, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos ofereciam sólidas localizações como indivíduos sociais e, por consequência, estas modificações estão também modificando nossas identidades pessoais, deixando-nos confusos com o novo (HALL, 2006, p.9).

Nessa mesma direção, “O sujeito pós-moderno forma e transforma continuamente a identidade, conforme as suas experiências com o mundo e com o que lhe interpela, definindo-se historicamente e não biologicamente, apenas”. (Hall, 2006, p13).

A experiência de mundo em que vivemos mostra que a identidade vão se organizando, no entanto a variedade do mundo moderno faz com que tudo seja muito rápido e transitório, música, moda, estilos, tudo que circula no "ser e estar no mundo". No entanto, a diferença possibilita que se mantenham trocas nas relações circundantes, que ocorrem sempre parcialmente, não havendo um abandono total das identidades anteriores, apenas uma reconstrução.

É como atrair o olhar do outro sobre si, momento em que se constroem suas variadas identidades, as quais tornam-se múltiplas, variáveis, transformam-se como prontas para serem usadas como afirma Bauman (2005). Um jogo de diálogos em proporções globais que alteram constantemente os sujeitos envolvidos nessa aldeia de múltiplas identidades.

A globalização hoje, mesmo com seus pontos positivos de informação e alta tecnologia, busca impor o fim das culturas que não se adaptam aos novos sistemas, no entanto, temos que reconhecer que estes novos sistemas nos colocam muitas incertezas e desajustes, anteriormente mais alicerçados nas tradições que norteavam as ações.

Os estudos teóricos mostram que identidade frente às novas tecnologias é fluida e multifacetada, pois para cada situação os usuários, como aduz Bauman (2005), usam a identidade que convém como abrir o guarda-roupa e escolher a roupa para a ocasião oportuna. Elas sofrem influências e as refletem, numa busca constante por uma construção ou a reconstrução dela.

Castells (1996) afirma que as tecnologias de informação e os sistemas modernos de telecomunicação são caracterizados por uma contradição central nas redes globais e identidades locais. Por outro lado, o fluxo exorbitante de dinheiro, a mídia e o mercado transnacional tem influenciado cada vez mais o comportamento dos sujeitos na sociedade global e, conseqüentemente, isto tem afetado a soberania tradicional do Estado-Nação.

No texto, Castells (1996), explica ainda o papel central da identidade:

Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se uma fonte fundamental de significado social. Esta não é uma nova tendência, já que a identidade, e particularmente a identidade religiosa e étnica, foram as raízes do significado desde os primórdios da sociedade humana. No entanto, a identidade está se tornando o principal, e às vezes a única, fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, a deslegitimação das instituições, desaparecendo dos principais movimentos sociais e expressões culturais efêmeras. (CASTELLS, 1996) *apud* (WARSCHAUER, 2002, p. 69. Tradução da autora¹)

Afinal as fronteiras estão desaparecendo conforme Kumaravadevelu (2006), não somente em termos de comércio, capital e informação, mas também em relação a ideias, normas, culturas e valores, atestando que as identidades não são definidas e sim construídas.

4. Considerações finais

¹ In a world of global flows of wealth, power, and images, the search for identity, collective or individual, ascribed or constructed, becomes the fundamental source of social meaning. This is not a new trend, since identity, and particularly religious and ethnic identity, have been at the roots of meaning since the dawn of human society. Yet identity is becoming the main, and sometimes the only, source of meaning in a historical period characterized by widespread destructuring of organizations, delegitimation of institutions, fading away of major social movements, and ephemeral cultural expressions. People increasingly organize their meaning not around what they do but on the basis of what they are (p. 3).

Faz-se necessário ressaltar que houve uma tentativa de explicar acerca da aldeia global e identidade em tópicos diferentes, muito embora ambos estejam intimamente imbricados.

A globalização impõe inúmeras transformações, tendo uma relação direta com a velocidade de informações, nas mais diversas práticas sociais provocando assim uma desestabilização do sujeito. Isso provoca uma angústia, uma crise nas identidades, uma vez que não há modelos fixos a serem seguidos. Como Giddens (2002) afirmou que a modernidade é uma cultura de risco, certamente não há como não perceber como tal cultura afeta os mais variados aspectos da nossa existência.

Ante a velocidade de informações, a criação de novas tecnologias, as relações presenciais também foram afetadas, afastando os corpos e substituindo-os por relações virtuais, não havendo necessidade de mostrar força, porque o espaço é algo artificial. As interações, não acontecem apenas em locais delimitados como a vizinhança, o bairro, a cidade. Agora essas relações se dão em escala global, provando a inexistência de tempo e espaço, fragmentando assim as identidades.

Viver a modernidade aponta que as identidades vão se organizando de acordo com as situações que mudam rapidamente, onde tudo é transitório. Nesse sentido, é importante destacar que as identidades mesmo sendo descentradas, não são descartadas a cada situação, e sim reconstruídas e reformuladas, moldando um sujeito talvez mais flexível, mais dinâmico, mais seletivo, porém inacabado.

Claro que a globalização impõe uma mudança de cultura e tal mutação gera insegurança, dor e angústia porque tudo parece ilusório, no entanto essas mudanças exigem uma reflexão contínua da realidade e de como se está inserido na sociedade, possibilitando aos sujeitos escrever a sua própria história, reinventando-se e se reconstruindo continuamente. Conclui-se, conforme sustenta Giddens (2002) que as condições sociais da modernidade impõem a todos um processo de encontrar a si mesmo.

5. Referências

AUN, Marta Pinheiro. **Antigas nações, novas redes**: as transformações do processo de construção de políticas de informação. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) IBICT/ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001, p.42-68

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Modernidade**. Tradução: GAMA, Mauro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

BAUMAN, Zygmunt. **Gloalização**. Trad. PENCHEL, Marcus. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

CASTELLS, Manuel. Information technology, globalization and social development. In: **Conference on Information Technologies and Social Development**, Geneva, 1999

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: GERHARDT, Klauss Brandini. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2010

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução FIKER, Raul. Rio de Janeiro: Editora UNESP, 1991

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução DENTZIEN, Plínio. 2ª edição. Zahar, Rio de Janeiro, 2002

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/ Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11ª ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006

KUMARAVADIVELU, B. **A linguística aplicada na era da globalização**. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da (Org). **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução DA COSTA, Carlos Irineu. 1ª edição. Ed. 34. São Paulo, 1999

MATTERLART, Armand. Diversidade cultural e mundialização. Tradução: MARCIONILO, Marcos. São Paulo: Parábola, 2005

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Modernidade, Identidade e a cultura de fronteira**. Tempo social, Revista Sociol. USP, São Paulo, 5 (1-2): 31-52, 1993

WARCHAUER, M. **Languages.com: The internet and Linguistic pluralism**. In: I Snyder. Ed Silicon Literacies: Communication, Innovation and Education in the Electronic Age. London: Routledge, pp. 62-74, 2002.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009